

Exposições curriculares do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas

Curricular exhibitions of the Bachelor of Museology at the Federal University of Pelotas

Daniel Maurício Viana de Souza¹
Diego Lemos Ribeiro²
Sarah Maggitti Silva³

DOI 10.26512/museologia.v12i23.46413

Resumo

O presente trabalho objetiva apresentar considerações acerca do processo de elaboração das exposições curriculares do Curso de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), ao longo de seus 16 anos de existência. Neste artigo, serão desenvolvidas questões teórico-metodológicas sobre a caracterização das exposições museológicas e curriculares, seus processos de formação e experimentações fundamentados pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Igualmente serão abordados os desafios do processo de concepção e execução de exposições curriculares, tais como recursos, prazos e espaços utilizados. É importante frisar que neste trabalho serão abordadas as inserções das disciplinas de Exopografia, no Projeto Pedagógico do Curso, a exemplo de como foram concebidas, como se transformaram, como são hoje e as intersecções com a extensão. Propõe-se apresentar um compilado das exposições realizadas, suas características e os desafios encontrados, sobretudo em tempos pandêmicos, mas igualmente as superações dos problemas.

Palavras-chave

Bacharelado em Museologia; Universidade Federal de Pelotas; exposição museológica; exposições curriculares; comunicação museológica.

Abstract

This paper aims to present considerations about the elaboration process of the curricular exhibitions of the Bachelor's Degree in Museology, at the Federal University of Pelotas (UFPel), throughout its 16 years of existence. In this article, theoretical-methodological questions will be developed about the characterization of museological and curricular exhibitions, their training processes and experiments based on the inseparability between teaching, research and extension. The challenges of the process of designing and implementing curricular exhibitions will also be addressed, such as resources, deadlines and spaces used. It is important to emphasize that this work will address the insertions of Exopography disciplines, in the Pedagogical Project of the Course, as an example of how they were conceived, how they were transformed, how they are today and the intersections with extension. It is proposed to present a compilation of the exhibitions held, their characteristics and the challenges encountered, especially in pandemic times, but also the overcoming of problems.

Keywords

Bachelor in Museology; Federal University of Pelotas; museum exhibition; curricular exhibitions; museological communication.

1 Daniel Maurício Viana de Souza: Graduação em Museologia (UNIRIO), Mestrado em Ciência da Informação (UFF) e Doutorado em Sociologia (UFRGS). Professor do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel e Docente efetivo do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel.

2 Diego Lemos Ribeiro: Graduação em Museologia (UNIRIO), Mestrado em Ciência da Informação (UFF) e Doutorado em Arqueologia (MAE-USP). Professor do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel e Docente efetivo do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel.

3 Sarah Maggitti Silva: Graduação em Museologia (UFBA) e Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPel). Professora do Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel.

Introdução

O Curso de Bacharelado em Museologia, da Universidade Federal de Pelotas, completou 16 anos em 2022. Desde os primeiros anos de existência, tem sido a expografia uma das áreas prioritárias no contexto da sua organização curricular. Considerando que a exposição, em última instância, é elemento fundamental na cadeia operatória da própria Museologia, até mesmo como o aspecto essencial de distinção dessa ciência, o presente trabalho tem o objetivo de apresentar reflexões sobre os processos atinentes à elaboração das exposições curriculares desse bacharelado da UFPel, voltado à formação de museólogos.

Ao longo deste artigo, estarão presentes discussões acerca de questões teórico-metodológicas focadas na caracterização das exposições museológicas e, especificamente, das que se manifestam como subsídios pedagógico-formativos no horizonte da graduação em Museologia, a saber, as curriculares. Para tanto, serão evidenciados os processos de formação e experimentações, fundamentados pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Ademais, serão abordados os principais desafios impostos à concepção e execução de exposições curriculares, nomeadamente no que tange a recursos, prazos e espaços utilizados.

Cabe ressaltar que também serão elaboradas ponderações sobre as inserções das disciplinas de Expografia no Projeto Pedagógico do Curso. Como enfoque, serão destacadas a maneira como foram concebidas e se transformando, até figurarem, hoje, na estrutura curricular do Curso – incluindo as intersecções inerentes com a extensão.

Por fim, será apresentada uma compilação das exposições curriculares realizadas no decorrer de mais de uma década e meia do Bacharelado em Museologia da UFPel. Para cumprir esse propósito, serão examinadas as suas características basilares, além de uma avaliação acerca dos principais desafios encontrados, com especial atenção aos que se impõem nos tempos pandêmicos atuais. Cumpre acentuar, todavia, que tais reflexões detêm um caráter propositivo, no sentido das possibilidades reais de superação dos problemas.

O Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel

Instituído no ano de 2006, o Curso de Bacharelado em Museologia, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas, surgiu em uma particular conjuntura política e cultural do país, de forte incentivo às universidades públicas e de valorização do setor cultural. Somam-se a isso elementos regionais e locais que foram decisivos para traçar um contexto propício ao surgimento do Curso de Museologia no extremo Sul do Estado do Rio Grande do Sul.

Destaca-se que, no Brasil, em 2003, havia sido lançada a Política Nacional de Museus (PNM), desenvolvida pelo Ministério da Cultura, na gestão do Ministro Gilberto Gil. Essa orientação foi desenhada entre as primeiras ações do Ministério da Cultura, durante o governo do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que governou de 1 de janeiro de 2003 a 31 de dezembro de 2010, considerando o primeiro e segundo mandatos.

A PNM, em documento produzido no ano de 2003, apresentava como seu objetivo geral:

Promover a valorização, a preservação e a fruição do patrimônio cultural brasileiro, considerado como um dos dispositivos de inclusão social e cidadania, por meio do desenvolvimento e da revitalização das instituições museológicas existentes e pelo fomento à criação de novos processos de produção e institucionalização de memórias constitutivas da diversidade social, étnica e cultural do país. (BRASIL, 2003: 8).

É igualmente importante salientar os seus eixos programáticos: 1) gestão e configuração do campo museológico; 2) democratização e acesso aos bens culturais; 3) formação e capacitação de recursos humanos; 4) informatização de museus; 5) modernização de infraestruturas museológicas; 6) financiamento e fomento para museus; 7) aquisição e gerenciamento de acervos museológicos. Responsável pelo fortalecimento do Sistema Nacional de Museus – criado em 1986, dentro da Fundação Pró-Memória –, a PNM representa um marco, dada a sua importância para a democratização do acesso aos equipamentos culturais brasileiros e, sobretudo, significa um importante passo dado rumo à profissionalização do setor museológico, tão fortemente marcado por dificuldades de toda ordem. A referida política nasceu do desejo de estabelecer conexões entre entidades do Estado e profissionais do setor museológico, visando ao robustecimento de políticas públicas em defesa do patrimônio cultural brasileiro, em todas as suas esferas.

A Política Nacional de Museus representou uma mudança de postura do Ministério da Cultura, tendo em vista que abrange todos os museus brasileiros, independentemente da sua vinculação institucional, ou se público ou privado. Em todo o seu texto, está presente a articulação entre os entes da federação e da sociedade civil, bem como há a preocupação com a consolidação de políticas públicas não só voltadas aos bens culturais nacionais, mas também aos estaduais e municipais. (TOLENTINO, 2007: 79).

É nessa conjuntura de profícuas mudanças – que apontava para o estabelecimento de um novo quadro museológico brasileiro – que ganha relevo a formação profissional, sendo as instituições federais de ensino superior estimuladas a elaborar projetos visando à implantação de novos cursos de Museologia. Por sua vez, a Universidade Federal de Pelotas – atenta às mudanças em curso e sensível às demandas do contexto regional e local – atendeu positivamente à demanda criada pelo Governo Federal. Dessa forma, nasceu o Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel, no ano de 2006. Em instituições públicas de ensino superior, ele foi o primeiro do Estado do Rio Grande do Sul e o terceiro do Brasil.

Vale destacar que a cidade de Pelotas possui, por sua riqueza histórica, grande importância patrimonial, que se revela por meio de bens de natureza arquitetônica, do conjunto de suas expressões culturais e, não menos valioso, das coleções que compõem os acervos dos seus museus e equipamentos culturais. Nesse contexto, a fundação do curso de Bacharelado em Museologia se fazia imperativa, dada a necessidade de contentamento das demandas que vinham sendo geradas por todos os museus e demais instituições de memórias. Ademais, se faz imperioso sublinhar que o referido curso – fundado em uma universidade pública comprometida com o seu projeto de responsabilidade social –, vem estabelecendo, ao longo dos seus anos de existência, cooperações com as instituições de guarda e memória, bem como fornecendo suporte aos equipamentos culturais. Além disso, destaca-se na formação de profissionais especializados e igualmente comprometidos com a preservação patrimonial.

A exposição museológica e as exposições curriculares

Ao pensar sobre a exposição museológica, não se pode prescindir de seu caráter comunicacional associado a uma investigação minuciosa, criteriosa, sistematicamente realizada em estreita relação com a ação sócio-educativo-cultural. Nas palavras de Cury (2005: 87), “a exposição e a ação educativa são manifestações da política de comunicação de um museu e para o público é o que define a instituição, pois é através delas que o museu se faz visível e se torna relevante para a sociedade”.

A exposição museológica vincula-se aos eventos sociais e seus bens culturais, atendendo a uma dinâmica característica com forte apelo preservacionista, o que a distingue de outras exposições. A exposição museológica tem um caráter comunicacional e, por sua vinculação aos fatos sociais e suas referências patrimoniais, caracteriza-se pela extroversão de ideias, significados, valores e capacidade de fazer pensar criticamente o tempo presente, por intermédio de um olhar genuinamente museológico. “Uma exposição é sempre uma proposição de ideias e de significados. A própria ocupação espacial e os recursos expográficos são proposições, pois passam por escolhas, dentre outras opções” (CURY, 2005: 91). Dessa forma, pode-se afirmar que a exposição museológica é uma importante via para a produção e difusão de conhecimentos.

Através da exposição museológica, é possível evidenciar fatos históricos, suscitar questões de relevância social, problematizar temas, proporcionar experiência estética, tecnológica, científica e, sobretudo, agir em um contexto social concreto. A exposição traduz um momento sociopolítico e cultural, nunca estando desconectada de uma conjuntura essencialmente política. Isso se faz refletir pelo que se expõe, mas substancialmente pelo que se quer esquecer e, portanto, não extorver. Trata-se de trabalhar uma memória construída pela lembrança e pelo esquecimento, no jogo de apropriações do passado. Vale lembrar que a exposição museológica ressignifica passado e presente, conduzindo a uma necessária reflexão acerca do futuro que se deseja.

Essa apropriação do passado pode ser observada também na tendência dos sujeitos a, de um lado, memorizar menos os acontecimentos neutros do que aqueles carregados afetivamente e, de outro, entre esses últimos, esquecer aqueles que são desagradáveis mais rapidamente do que os outros. Com o tempo, vai-se atenuando o lado desagradável de algumas lembranças, o que se obtém através de algumas estratégias como as omissões. Mesmo que não exista nada de sistemático no princípio do prazer da memória, podemos considerar que, de uma maneira geral, o “otimismo memorial” prevalece sobre o pessimismo [...] (CANDAUI, 2012: 74).

A exposição é atravessada por uma dimensão pública, devendo estar a serviço dos públicos e de suas necessidades, considerando-se a multiplicidade de repertórios culturais, vivências, particularidades, visões de mundo, valores, subjetividades e anseios. A exposição museológica é um importante e democrático canal para se alcançar a sociedade, tendo em vista que se encontra disponível à visita dos públicos. Destaca-se que, para tal empreendimento, o museu deverá dispor de uma equipe interdisciplinar, prioritariamente composta por profissional museólogo, além de possuir recursos materiais e tecnológicos para esse fim.

Ao considerar a exposição museológica como elemento de um processo comunicacional voltado para a difusão de informação (e necessária produção

de conhecimentos), de pronto, se estabelece sua relação com o campo educativo. A dimensão educativa da exposição é dependente da construção de um diálogo entre o museu e seus públicos; museu esse que investiga, documenta e extroverte, a fim de construir saberes em um processo dinâmico, desenvolvido pelas experiências vivenciadas pelos diferentes sujeitos envolvidos nessa construção de forte sentido social. Por essa via, conforme grifa Santos (2008), é preciso compreender as ações museológicas como uma obra aberta, passível de revisão, continuidade e reflexão ativa. Ainda segundo a autora, ao conceber a comunicação como um processo, deve-se ultrapassar a ideia de mera aplicação da técnica pela técnica.

Cabe destacar que a comunicação, no contexto da exposição museológica, deverá transpor a barreira do sistema convencional, que se caracteriza pela dinâmica de emissão e recepção, para engendrar um sistema vivo, arrojado, criativo e atravessado pela ideia de retroalimentação, não sendo o discurso apresentado como estando pronto, mas em constância de construção. Reforça-se, então, a importância dos públicos – e quanto mais diversos, mais inclusiva será a exposição e mais enriquecedora será a experiência da comunicação – no sentido de se promover rupturas nos limites estáticos da linguagem expositiva, a fim de se possibilitar um processo de comunicação mais efetivo, completo e com produção de sentido.

Para que se dê a extroversão do patrimônio, seja ele material ou imaterial, no contexto do processo comunicacional e atendendo às demandas sociais, reforça-se ser preciso ter em conta a necessidade de realização de pesquisa e tratamento da informação, considerando-se, para isso, a existência mínima de recursos humanos, materiais e tecnológicos. Ademais, a realização de uma exposição museológica não deve prescindir à necessária coadunação dos mais variados vieses, trabalhados criticamente para atravessar narrativas e abarcar um determinado tema. Dessa forma, implica não mais desenvolver a memória social pela construção e consolidação, por exemplo, dos heróis nacionais – figuras estabelecidas, em discursos acrílicos, pela historiografia oficial –, mas provocar pensar para além das ideias consolidadas e preconcebidas.

Para enfatizar a necessidade do discurso provocador, Primo cita Thevoz⁴:

Expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refractária da ignorância: a ideia pré-concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. Expor é tomar e calcular o risco de desorientar - no sentido etimológico: (perder a orientação), perturbar a harmonia, o evidente, e o consenso, constitutivo do lugar comum (do banal) [...] (THEVOZ, 1984: 167 *apud* PRIMO, 1999: 121–122).

É importante sublinhar que a exposição museológica deverá refletir os tempos, não estando distante da realidade vivida pela sociedade, e se opor à manutenção dos quadros e estruturas sociais de poder, excludentes dos mais variados atores sociais e suas demandas, evidenciando fatos e fugindo, assim, ao esquecimento dos que foram preteridos. Fundamentalmente, a exposição deve ser o espaço de fruição e transformação de pensamentos, de ampliação de saberes, experiências e percepções. Um ambiente que propicie diálogo, interação, compreensão e respeito entre as diferentes culturas e grupos étnicos. Um espaço para pensar sobre os múltiplos pontos de vista, sensível à escuta, um lugar para a democratização dos conhecimentos.

4 THEVOZ, Michel. Esthétique et/ou anesthésie museographique, Objets Prétextes, Objects Manipulées, Neufchatel, 1984, p. 167.

Isso considerado, imagina-se que os dilemas que se interpõem em processos de concepção e montagem de exposições museológicas são diversos, de natureza epistêmica e prática. No campo epistêmico, referem-se à necessidade de estar em consonância com a agenda contemporânea da Museologia, à capacidade da equipe em pensar a linguagem expográfica nos esquadros do fato museal e das musealidades – objetos de estudo da Museologia como campo disciplinar (CURY, 2005) – e, não menos importante, ao movimento de projetar no horizonte um espaço fundamentalmente comunicativo, de relação entre objetos/ideias e sujeitos (SCHEINER, 2006). Em virtude disso, as exposições são ambientes em que se imprime determinada *performance*, propícia ao conhecimento e à emoção (ROQUE, 2010).

Para além de questões que tocam o pensamento museológico, as exposições traduzem uma determinada forma – uma grafia, o uso de uma linguagem discursiva em um espaço, seja ele físico ou virtual –, justamente por isso é também uma prática em que se imprime uma expectativa que a precede. Exatamente por sua potencialidade estética e compósita, resultam em lugares sedutores e convincentes. A composição de uma exposição suscita uma série de elementos, como objetos (no sentido *lato* do termo), cenários, jogo de luz, sonoridades, vazios, texturas, recursos textuais e gráficos, ou seja: tudo aquilo que provê espírito, forma e densidade à exposição. Trata-se, antes, de uma *performance*, ao mesmo tempo filosófica e curatorial, que coloca em jogo a articulação de objetos interpretados por olhares interpretantes (BRUNO, 2006). Assim, sua produção consubstancia-se em atividades eminentemente práticas – afinal, para confeccionar esses elementos, demanda-se tempo, espaço e recursos diversos. No escopo deste artigo, pretende-se colocar em análise uma tipologia de exposição museológica de natureza bastante particular: as exposições curriculares. Nesse sentido, somam-se novos desafios aos anteriormente citados, ou ao menos amplificam-se os dilemas inerentes a processos expográficos típicos. O fato de ser curricular significa estar alinhado aos contornos e expectativas de um curso de formação, do mesmo modo que remete aos processos técnicos e científicos, que guardam relação direta com os propósitos de um projeto pedagógico. Há, sobretudo, uma “dimensão tácita” de organização e disciplina (UZEDA, 2020).

Apesar da natureza formativa que a distingue, as exposições curriculares têm como identidade uma abertura significativa ao pensamento crítico, à experimentação, à inovação e, portanto, ao risco – ainda que mitigado pela orientação docente. É praxe, por parte dos docentes-orientadores das disciplinas de Expografia da UFPel, que se estimule fugir do óbvio, do senso comum e do conforto teórico-conceitual (o que traduz a própria ideia de risco e experimentação).

De acordo com Siqueira (2009), as primeiras exposições curriculares do curso de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), na década de 1970, tinham como propósito investir na capacitação profissional dos futuros Museólogos. Ainda conforme a autora, a partir de 1973, estas assumem um caráter informal e experimental. Considera-se que tais premissas são substancialmente análogas ao que se projeta atualmente para essa modalidade de exposição. Espera-se que uma exposição curricular assumam um caráter primordialmente formativo e experimental.

Dessa forma, a experimentação e a formação podem ser interpretadas por diferentes vetores, como a proposta de colocar em prática o conteúdo das disciplinas cursadas ao longo dos quatro anos de formação, a vocação para tra-

balhar de forma colaborativa e multiprofissional, a necessidade de superar desafios cotidianos de todas as ordens e a capacidade de articular conteúdo (logos) e forma (grafos). Por sua concepção experimental e formativa, no componente curricular de Expografia III da UFPel, costuma-se dizer que, ainda que não se trate da realidade fidedigna que os formandos encararão “lá fora”, decerto, trata-se de um bom ensaio.

De modo a trazer os desafios de uma exposição curricular para o campo aplicado, propõe-se uma análise em três grandes vetores: tempo, espaços e recursos. Por óbvio, trata-se apenas de um extrato dos dilemas, mas essa tríade pode ser um bom caminho para pensar possíveis rotas de superação. O tempo, no contexto ora analisado, pressupõe implementar um projeto expositivo no escopo de um componente curricular, tendo como baliza o calendário acadêmico dos cursos. Os espaços guardam relação com o lugar (físico ou virtual) em que a exposição ganhará forma. Já os recursos, sinalizam para a dotação de verba, sempre escassa e frágil no contexto universitário, mas também aludem aos recursos humanos, que remetem à necessidade de habilidades muito específicas para que as ideias sejam colocadas em prática.

O tempo de uma exposição curricular é exíguo e disciplinado, visto que sua projeção está circunscrita ao semestre acadêmico. Assim, seu cronograma está suscetível às instabilidades do calendário da Universidade, que pode ser atravessado por greves, paralisações ou mesmo pela sobreposição de outras atividades acadêmicas que encurtam o tempo disponível para a realização dos projetos. Há, portanto, pouca ou nenhuma flexibilidade para a dilatação do cronograma proposto, ou mesmo para a superação de impasses das mais variadas ordens, como o adiamento de prazos para o empenho de material de consumo por parte dos setores de compra das instituições de ensino.

Em relação aos espaços, nem todas as realidades são equânimes nos cursos de formação. Há cursos que têm espaços reservados para essa finalidade, como é o caso da UNIRIO; outros, necessitam firmar parcerias institucionais externas ou mesmo buscar espaços dentro do próprio ambiente universitário, nos quais os cursos são albergados. Especificamente na UFPel, travou-se amplo debate sobre esse tema. Parte dos colegas acredita que é necessário haver provisão de espaço específico para esta finalidade, evitando, assim, impasses inerentes à busca de espaços dentro ou fora da Universidade. Por outro lado, argumenta-se que um espaço específico pode restringir a capacidade criativa de uma exposição curricular, por exemplo, o uso de locais não convencionais, como a própria rua, percursos ou mesmo a virtualidade – realidade esta que se transformou em prática regular no período pandêmico.

No que se refere aos recursos, este parece ser um dilema transversal nos cursos de formação. Raras são as universidades que dispõem de verbas para a execução de exposições curriculares, e essa não é realidade da UFPel. Somado a isso, seria desnecessário dizer que as universidades sofrem de forma contundente com as limitações e contingenciamentos orçamentários, especialmente nos últimos anos. De acordo com Uzeda (2020: 173), “mesmo no curso da UNIRIO, a escola de museologia mais antiga com uma estrutura já consolidada, a dependência de recursos financeiros para a execução das exposições curriculares permanece sendo uma preocupação semestral”.

Por outro lado, há de se dimensionar que os recursos de uma exposição não se limitam à dotação de verbas. No caso da UFPel, a Pró-Reitoria de Infraestrutura colaborou em diversas ocasiões com cessão de materiais de consumo, como placas de MDF, vidraria e outros bens. Ainda, é preciso imaginar que os

recursos são também humanos, que podem ser captados por intermédio de parcerias com outros cursos da Universidade ou mesmo por intermédio de convênios com outras instituições. Nesse aspecto, a universidade parece ser uma fonte inesgotável de habilidades e competências que podem ser utilizadas em favor das exposições curriculares.

As exposições curriculares do Curso de Museologia da UFPel

O primeiro Projeto Pedagógico do Curso de Museologia da UFPel começou a ser elaborado em 2006, tendo sua primeira versão definitiva implementada a partir de 2009. Naqueles primeiros anos de existência do Curso, as atividades voltadas à formação na área da expografia estavam distribuídas em dois blocos de disciplinas, tanto de caráter teórico quanto prático, ou, ainda, teórico-prático.

Nos segundo e terceiro semestres da matriz curricular, estavam alocadas, respectivamente, as cadeiras de Expografia I – propondo discutir, em termos teóricos, aspectos técnicos de uma exposição museológica, como local, iluminação, segurança e recepção, envolvendo tanto planejamento quanto concepção e montagem – e Expografia II – voltada ao trato de métodos e estratégias discursivas e formais, articuladamente. Ao cabo desta última disciplina, era comum a realização de experiências de montagem de exposições, até mesmo como uma espécie de ensaio para o que viria a se concretizar, mais adiante, como exposição curricular obrigatória.

Somente três semestres depois, o tema “exposição museológica” foi retomado como mote central, em uma disciplina especificamente destinada à competência (teórica e prática) para a elaboração de projetos expográficos. Em Prática em Museus II, os estudantes se dedicavam a propor uma temática totalmente autoral, discutida e desenvolvida como um trabalho conjunto da turma, e concluído na forma de projeto escrito, como subsídio para o que viria a seguir em Prática em Museus III. Tal componente, situado no sétimo semestre da matriz curricular, oportunizava a implementação prática de exposição curricular, conforme proposta no semestre anterior do Curso.

No ano de 2016, passou a vigorar uma nova versão do Projeto Pedagógico, sendo uma das alterações estruturais referente aos componentes curriculares voltados às exposições museológicas. A partir de então, as disciplinas de Prática em Museus deixaram de existir, passando às disciplinas de Expografia a responsabilidade pela formação específica dessa denominação fundamental da profissão de Museólogo.

Além das duas cadeiras mantidas, desde a versão anterior do Projeto Pedagógico, mais uma foi criada, a Expografia III, de modo a se estabelecer um encadeamento lógico entre três momentos. O primeiro, de caráter totalmente teórico; o segundo, teórico-prático, no qual, se propunha o projeto expositivo curricular; e o terceiro, totalmente prático, em que se implementava de fato a exposição e demais atividades diametralmente correlatas – como ações educativas e pesquisas de avaliação.

No fluxograma, a distribuição dessas disciplinas iniciava no quinto semestre, com Expografia I, tratando teoricamente sobre planejamento, análise e gestão institucional, de maneira integrada e atentando às implicações sociais de serem espaços fundamentais da comunicação no âmbito museológico. Nesse sentido, aspectos conceituais acerca da sua própria natureza infocomunicacional eram abordados, considerando seus instrumentais técnicos e discursivos, além

de suas ramificações. No sexto semestre, em Expografia II, o objetivo fundamental era elaborar um projeto de exposição curricular, que viria a ser implementado no semestre subsequente, de maneira similar ao que já ocorria nas antigas disciplinas de Práticas II e III.

Na atual estrutura pedagógico-formativa do curso, consoante à versão vigente do Projeto Pedagógico, desde 2020, as disciplinas dedicadas às questões sobre exposição se mantiveram na mesma sequência de semestres letivos. Suas ementas e caracterizações, em geral, não sofreram profundas alterações, exceto por um aspecto: a contabilização formal de carga horária em extensão nas disciplinas de Expografia II e III. Tal fato ocorreu em razão da necessidade de se cumprir o previsto na Meta 12.7 do Plano Nacional de Educação (2014-2024), expressa na Lei Federal 13.005, de julho de 2014, orientando que seja assegurado “no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária”.

Cumprir destacar que a referida mudança potencializa a vocação extensionista do Curso, em especial no que tange à abrangência e ao impacto das exposições curriculares. Além disso, oportuniza aos estudantes, em razão de uma atuação ainda mais ativa com a comunidade externa, uma formação profundamente engajada com questões sociais e humanas atinentes ao horizonte de ação museal.

Independentemente de como estiveram previstas suas inserções na estrutura pedagógica, as exposições curriculares sempre representaram um momento de extremo significado para toda a coletividade do Curso. Foram dezenas de estudantes, professores e demais funcionários envolvidos e impactados por tais atividades, além, por óbvio, das pessoas e dos grupos externos à Universidade, que estiveram (direta ou indiretamente) envolvidos nas mais diferentes etapas de produção das mostras. Mais do que potentes imagens que sintetizam o próprio Curso de Museologia, conforme expresso em texto da exposição alusiva aos seus 15 anos (2021), são ações que trazem “na sua paleta de cores um pouco da visão” de cada membro dessa coletividade, expressando, ainda, o próprio “contemporâneo, visto que os temas estão mimetizando os temas mais pujantes do tempo presente”⁵.

Desde 2009, foram realizadas 10 exposições curriculares. Em razão de fatores alheios ao controle do Curso – como greves e a própria pandemia de COVID-19 –, ou que têm a ver com as mudanças de currículo, provocadas pelas atualizações no Projeto Pedagógico, houve quebras na sequência anual das atividades peculiares às disciplinas implicadas. Listadas em ordem cronológica, ocorreram as seguintes exposições: “Enchente: um sinal de alerta” (2009); “A memória do cinema na cidade de Pelotas” (2010); “Museu Futebol Clube: a trajetória do futebol na cidade de Pelotas” (2011); “É tempo de Carnaval” (2013); “Boteco: uma dose de tradição” (2014); “Recanto Gaúcho” (2014); “Plantas e o saber popular: conhecimento, magia e cura” (2015); “Recortes do Patrimônio Pelotense: um olhar no Cotidiano” (2016); “O Museu Abriga o Mito: diferentes olhares sobre Cigana Terena” (2018); “Museu da Destruição Nacional: o desmantelamento da cultura no Brasil” (2019); “Botânica: viver e sentir” (2021). No ínterim entre 2009 e 2019, todas as exposições foram presenciais, abrigadas em diferentes espaços da própria UFPel e demais locais na cidade de Pelotas/RS.

5 Exposição virtual “O Nosso Lugar: 15 anos do Curso de Museologia/UFPel”. Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/expo15anosmuseologia/>.



Figura 1: Pôsteres da primeira e última exposições curriculares do Curso, realizadas em 2009 e 2021, respectivamente.

Fonte: Exposição virtual "O Nosso Lugar: 15 anos do Curso de Museologia/UFPel". Disponível em: <https://acervosvirtuais.ufpel.edu.br/expo15anosmuseologia/>.

Destaca-se que é parte do processo de amadurecimento da própria concepção educacional-formativa do Curso, no que concerne às atividades envolvendo a denominação da expografia, discussões de diferentes ordens, tanto no âmbito do Núcleo Docente Estruturante (NDE), quanto na instância mais ampliada do Colegiado. Entre temas fundamentais que motivam tais debates, está a própria logística de espaço para a execução das exposições. Em um primeiro momento, o entendimento era de que seria essencial haver um espaço na infraestrutura do Curso destinado exclusivamente – ou ao menos prioritariamente – a essas atividades, assim como ocorre em outros Cursos de Museologia do país. Com o passar dos anos, percebeu-se que, apesar das vantagens de poder contar com um espaço sempre garantido, haveria, por outro lado, desvantagens pedagógicas, sendo uma delas a limitação apriorística da criatividade dos estudantes imposta pelos próprios limites físicos e técnico-estruturais de um ambiente fixo de exposições.

Seja como for, a questão do local para implementação das exposições curriculares sempre esteve em pauta, motivando, muitas vezes, situações que se apresentaram como verdadeiros desafios, estivessem eles previstos no processo de concepção discursiva das ações ou não. Curioso e, ao mesmo tempo, sintomático, é ter ocorrido a repetição de local apenas uma vez. Isso se deu no ano de 2014, com as exposições "Boteco: uma dose de tradição" e "Recanto Gaúcho", ambas implementadas no prédio que sediava o Curso na época, situado na rua Lobo da Costa, nº 1877, Centro – informalmente chamado de Canguru, por ter abrigado fábrica de embalagens homônima. Nas demais ocasiões, percebe-se uma variedade de locais sede, desde museus e espaços acadêmicos diversos, chegando até a praças públicas centrais na cidade, vindo a refletir a multiplicidade temática, conceitual e técnica que é traço marcante das exposições do Curso de Museologia da UFPel.

Outras ordens de problemas têm historicamente se apresentado, impondo-se como desafios que exigem de todos os envolvidos resiliência e criatividade para sua superação. Talvez um dos maiores e mais recorrentes tenha a ver com o financiamento das exposições. Por conta de entraves burocrático-legais, a UFPel não dispõe de uma receita fixa destinada exclusivamente para a realização dessas atividades fundamentais para a formação do museólogo. Para cada exposição curricular, as estratégias de captação de recursos acabam sendo,

elas próprias, parte da concepção pedagógica, iniciada a partir de propostas gerais dos professores, mas refinadas e efetuadas pelos estudantes no decorrer do processo, considerando suas inúmeras etapas e complexidades.

Mais recentemente, contudo, o Curso foi desafiado de uma forma que certamente foge ao que pode-se entender como regular no horizonte de vicissitudes que se colocam as atividades expográficas na rotina de formação acadêmico-profissional. A pandemia de COVID-19, a partir de 2020, também impactou fortemente o campo dos museus, o que, de certo modo, provocou movimentos necessários que demonstraram grande “capacidade de adaptação e reorganização diante de situações-limite” (SÁNCHEZ, 2022: 8). É possível constatar tal fortaleza igualmente no Curso. Nomeadamente no que se refere às exposições curriculares, a estratégia fundamental foi o recurso à cibercultura, lançando mão de espaços e linguagens capazes de serem apropriados para o cumprimento de objetivos infocomunicacionais peculiares ao domínio museológico de ação.

No território digital, se realizou a exposição “Botânica: viver e sentir”. Objetivando “comunicar, emocionar e sensibilizar, seja por memória afetiva ou por indignação pessoal e coletiva acerca dos ataques à natureza e à própria ciência”, se articulou numa lógica “interativa, participativa e dialógica”, baseada no Instagram, somada a demais atividades presenciais – oficinas, roda de conversa etc. – adequadas conforme as restrições atinentes ao contexto do isolamento social. (BOTÂNICA, 2021).

Salienta-se que, no momento da escrita deste texto (outubro de 2022), está em desenvolvimento a próxima exposição curricular, prevista para entrar em cartaz ainda nas próximas semanas. Também transitando na virtualidade digital, essa será uma parceria com o Museu Diários do Isolamento (MuDI), vindo a reforçar, de forma qualificada, as possibilidades de integração entre as múltiplas fisionomias do fenômeno museal.

Considerações finais

O Curso de Bacharelado em Museologia da UFPel surgiu em um momento histórico em que se desenhava um novo e importante quadro museológico brasileiro. Em um cenário de grande incentivo à criação de novos cursos, para a formação de profissionais Museólogos, a UFPel, comprometida com o seu projeto de responsabilidade social e atenta às necessidades que vinham sendo geradas pela comunidade, por todos os museus e instituições de memórias, atendeu positivamente à demanda criada pelo Governo Federal.

O levantamento das exposições curriculares realizadas pelo Curso de Museologia da UFPel, confirma o seu compromisso pela formação de profissionais comprometidos com a preservação patrimonial. As exposições curriculares têm demonstrado um forte vínculo com os eventos sociais e seus bens culturais, configurando-se como uma experiência rica de aprendizados, seja pela extroversão de ideias e valores ou por sua capacidade de fazer pensar criticamente.

A realização das exposições curriculares revela que, mesmo se tratando de uma prática formativa, concebida no âmbito de disciplinas que visam ao desenvolvimento de futuros profissionais, é possível –, com muita qualidade, responsabilidade e interação com a comunidade – suscitar questões de relevância social, evidenciar fatos históricos, problematizar temas, pensar sobre o passado, o presente e, sobretudo, sobre o futuro que se deseja. É importante reiterar que

a exposição de caráter museológico precisa refletir os tempos, ter relevância para a coletividade, evidenciando fatos, sendo um espaço de transformação de ideias, ampliação de saberes e experiências.

Destaca-se que as exposições curriculares não se circunscrevem a uma prática disciplinar e avaliativa, mas ao ensejo para o diálogo, como uma interação que extravasa os limites físicos da Universidade. Ademais, propiciam um espaço para experimentar, exercitar, educar-se e também educar, repensar conceitos, transpor as barreiras de preconceitos, de ideias preconcebidas e mal fundamentadas, sendo, enfim, sensíveis à escuta de si e do outro; ou seja, exposições curriculares proporcionam um lugar para a democratização dos conhecimentos, como tem de ser a Universidade Pública.

Tal como a Universidade, essas exposições possuem compromisso público, estando, desde a sua concepção, colocadas a serviço dos públicos, uma vez que também se configuram como um importante e democrático canal para se alcançar a sociedade. O Curso de Museologia da UFPel assumiu a responsabilidade de construir relações com a população, e quanto maior for a sua capacidade de diálogo e de articulação com os mais diversos atores sociais, mais inclusivas serão as experiências de realização das exposições curriculares. Dessa forma, ganham os estudantes, os professores, a Universidade Pública Brasileira, os museus e instituições de memórias e, sobretudo, ganham as comunidades, na medida em que todos esses conhecimentos são revertidos em desenvolvimento social.

Referências

BOTÂNICA: VIVER E SENTIR. Exposição Curricular do Curso de Museologia da UFPel. Pelotas. 29 set. 2021. Instagram: @botanicaviveresentir. Disponível em: <https://www.instagram.com/botanicaviveresentir/>. Acesso em: 19 out. 2022.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei 13.005/14. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Congresso Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 25 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Cultura. Bases para a Política Nacional de Museus: Memória e Cidadania. Brasília: Minc, 2003.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: MILDER, S.E.S. *As várias faces do patrimônio*. Santa Maria: Pallotti, 2006, p. 119–140.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

CURY, Marília Xavier. *Comunicação Museológica: uma perspectiva teórica e metodológica de recepção*. 2005. 366 f. Tese (Doutorado em Comunicação) — Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

OBSERVATORIO DE MUSEOS DE ESPAÑA. Los Museos Españoles Ante La Pandemia de Covid-19. 2022.

Exposições Curriculares do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas

PRIMO, Judite Santos. O sonho do museólogo. A exposição: desafio para uma nova linguagem museográfica. In: *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 16, p. 103–129, 1999.

ROQUE, Maria Isabel Rocha. Comunicação no museu. In: BENCHETRIT, Sarah Fassa; BEZERRA, Rafael Zamorano; MAGALHÃES, Aline Montenegro (org.). *Museus e comunicação: exposições como objetos de estudo*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010, p. 47–68.

SANTOS, M. C. T. M. Museu e educação: conceitos e métodos. In: SANTOS, M. C. T. M. *Encontros museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu*. Rio de Janeiro: Minc/IPHAN/DEMU, 2008, p. 125–146. (Coleção Museu, Memória e Cidadania, v. 4).

SCHEINER, Teresa. Criando Realidades Através de Exposições. *Mast Colloquia*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 7–37, 2006.

SIQUEIRA, Graciele Karine. *Curso de Museus – MHN: 1932–1978: o perfil acadêmico profissional*. 2009. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2009.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Políticas públicas para museus: o suporte legal no ordenamento jurídico brasileiro. In: *Revista CPC*, São Paulo, n. 4, p. 72–86, maio/out. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15607>. Acesso em: 10 out. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia. Pelotas, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia. Pelotas, 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Museologia. Pelotas, 2020.

UZEDA, Helena. As Exposições Curriculares como parte do ensino de Museologia: adaptação de modelos europeus e as práticas acadêmicas experimentais na UNIRIO. In: *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*. v. 9, n.º Especial, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/32702/28194>. Acesso em: 14 out. 2022.

Recebido em dezembro de 2022.

Aprovado em maio de 2023.